

# Ravena

*Josiel  
Vicira*

CiberArt  
Literatura  
Digital



Passos escuros, inquietos, quase um sussurro em movimento e ela vai caminhando com as mãos encolhidas nos bolsos. Inferno, pensou; mas que frio. Tudo o que queria era um pouco de calor.

Um clarão amarelo e vermelho vindo do caminhão que recolhia lixo iluminou tanto a rua noturna quanto o rosto eternamente noturno dela. €

O lixeiro parou, limpou o suor do rosto com as costas da luva e a reconheceu:€

— Ora; olá, Rave!€

— E aí, Hellman, como vai?€

Hellman despejou um pesado latão de lixo na traseira do caminhão:€

— Lixo! Os humanos só sabem fazer lixo!€

Ravena olhou interessada para o compactador de lixo em ação e perguntou:€

— Afinal, cara, você é um ser biológico, um robô, um andróide, um ciborgue ou simplesmente um monstro?

Ele sorriu sem responder e embarcou. O caminhão começou a se afastar, barulhento, com suas luzes giratórias.

**UMA NOVA DROGA ASSOLA O MUNDO**

Um sombrio fenômeno está se alastrando de maneira assustadora pelo mundo. Trata-se de um novo tipo de droga injetável, que permanece inerte no usuário até ser ativada pela dor de ferimentos como cortes e pancadas – quando então o dependente tem um violento êxtase alucinógeno. Isso está levando multidões de jovens desesperados à autoflagelação suicida. Cadáveres estão sendo encontrados por todos os cantos obscuros do Centro Velho, imersos em grandes poças de sangue e totalmente retalhados por eles próprios. A estranha associação entre sangue, dor e prazer está fazendo surgir um estranho culto ao vampirismo.

Assim que fez 19 anos no mês passado Ravena arrumou emprego no Rank Xerox café, uma espelunca imbecil com fachada de coisa cara que funcionava 24 horas; ela entrava no turno da noite.

Havia um tempo que um sujeito estranho o freqüentava regularmente. Esse sujeito apareceu junto com o inverno; a bem da verdade pareceu que ele o trouxe embaixo de sua capa enorme.

Naquela noite, quando ele pediu o costumeiro café expresso, Ravena perguntou:

— Desculpe, cara, mas qual é a da sua capa de Conde Drácula? – Ravena finalmente expressou sua estranheza por aquilo.

— Ah, isso – ele ficou visivelmente desconfortável – é que eu lido com o mundo da arte e preciso ter um visual, sabe? Uma marca pessoal. Um pouco de folclore, essas coisas. Hoje em dia faz parte do trabalho do crítico dar atenção a isso.

— Você é crítico de arte? Deve ser inteligente... como se chama?

— Não, não, o que é isso, eu até me acho um pouco burro... – ele sorriu – para falar a verdade, eu não ligo muito para mim mesmo e me acho o mais imbecil do universo, sabe... eu me chamo Jesus.

Ravena lançou-lhe um olhar oblíquo. Apesar da aparente modéstia, o rosto dele parecia dizer o contrário. Mas Ravena era especialista em cortar o barato dos outros. Ela lhe retribuiu o sorriso e lhe disse:

— Meu, já percebeu que o seu nome e sua profissão juntos formam o pior trocadilho do mundo?

Ele abaixou a cabeça e continuou sorrindo, mudo e derrotado, olhando para seu café expresso amaldiçoado de pessoa solitária, sempre solitária

Não adianta, cara! Ninguém nunca irá gostar de você. E o que realmente pode fazer diante disso, além de varar a noite sozinho?

Tudo isso Ravena leu nele. Ela se arrependeu:

— Ei, me desculpe. Eu não queria lhe ofender. Pô, foi mal mesmo, eu falei sem pensar.

— Não, você está certa. Eu não passo de um trocadilho ambulante.

— Ei, ei, ei, o que é isso, cara? Não fale assim – Ravena pôs sua mão sobre a dele – você é inteligente, isso se percebe logo de cara. Além disso, Jesus é filho de Nossa Senhora...

Ao ouvir isso, ele olhou para ela e sorriu. Sem saber por quê, Ravena também sorriu. O frio e o silêncio cortavam a noite, e eram cortados pelos olhares dos dois, que se miravam hipnoticamente, querendo se decifrar mutualmente. Ravena se lembrou do primeiro beijo que deu no seu primeiro grande amor, numa noite dos seus doze anos. Ela sempre tinha essa lembrança quando estava prestes a se apaixonar de uma maneira dispensável.

Ravena estava cantando alegremente. E tinha motivo para isso. Afinal, depois de muito tempo, estava namorando outra vez. E – o melhor de tudo – o seu namorado era crítico de arte! Ela finalmente poderia conversar com alguém sobre arte sem que isso se tornasse algo embaraçoso. Por ser um lugar ermo, ela ia sempre ali fazer alguma natureza morta.

A sua amiga apareceu, provavelmente antes deve ter ido procurá-la em casa e lá avisaram onde Ravena poderia estar.

— *E aí, Ravena? Beleza?*

— Beleza, Babí.

— *Adorei o seu visual de desenho animado, Ravena. Está desenhando mais sepulturas?*

— Sim, Babí. Mais exatamente, as cruzes.

— *Você tem um parafuso a menos. Cemitérios são perigosos. Precisa aprender a ter os parafusos no lugar como eu.*

Ravena sorriu da ironia meio inocente da Babí – esse apelido carinhoso derivava da especificação técnica “BARBIEND”. Babí era um robô feminino de corpo esbelto e cabelo preto que nem graxa de sapato e que só vestia roupas colantes e caras. Sempre usava uma espécie de cinto transparente, cintilando como que polvilhado de purpurina.

Babí olhou ao redor. Havia fumaça de folhas secas queimadas que subia ao céu e enchia o ar. Lembrava incenso.

— *Ainda bem que não estão por aqui os babacas que curtem essa nova onda de vampirismo lisérgico. Odeio esse povo!*

— Ora, Babí, cada um na sua. Amanhã eu trago seu disco.

— *E aí, o que achou da trilha sonora de Apocalypse Now Redux?*

— Aquela música do The Doors é bem... sei lá, é bem foda de se ouvir. Tem um clima meio estranho.

— *Essa é a “minha” música. A The end me faz viajar; principalmente o final. No filme é a parte em que aqueles malucos matam um boi num ritual pagão. Eu me sinto matando um boi num ritual pagão toda vez que acordo e olho a Candy Candy do meu lado.*

Ravena olhou para ela. Essa era a Babí.

— Ultimamente eu também tenho dado umas viajadas na maionese, Babí... eu imagino o seguinte: o soldado romano encarregado de fincar os pregos nos crucificados vê que os pulsos de um deles já estão sangrando inexplicavelmente, isto é, antes dos pregos terem sido martelados.

— *Mas o que você quer dizer com isso?*

— Tipo assim, imagine o prego fincado no pulso de uma pessoa servindo para esconder uma coisa muito mais trágica, que é o fato do pulso sangrar sem explicação nenhuma. E isso provoca na pessoa uma dor absurda, tão absurda que sua crucificação nada se compara a isso; aliás, ela aceita a crucificação de boa vontade como forma de livrá-la desse tormento. Mas, como eu disse antes, não me leve a sério. É só uma viajada na maionese.

—*Não gostaria de comer um sanduíche com essa sua maionese, Ravena. Essa sim é a verdadeira maionese da marca “homem do inferno”.*

Ravena continuava desenhando, distraída, e de vez em quando o vento teimava em balançar seus papéis.

— Babí, eu sei que você é um tipo de robô. Mas, tipo, e daí?

Babí balançou as pernas de cabeça baixa:

— *Errado. Eu não sou um robô. Sou uma boneca. A minha dona, a Candy Candy, é uma burguesinha filha da mãe que nunca sofreu, pois nunca teve coragem no peito para agüentar um coração partido. Mas tem uma curiosidade consumista de saber como é. Então eu experimento e conto para ela.*

Ravena franziu a testa:

— Tipo; como você faz para sofrer?

— *Porque eu procuro dizer a verdade. Os seres humanos na maior parte do tempo não suportam a verdade. Eles fogem dela como os vampiros fogem do Sol.*

Babí era legal. O Sol.

— Quando eu penso em Deus, Babí, imagino o Sol.

— *Veja só essas roupas ridículas* – Babí mostrou, irritada, suas roupas – *A Candy Candy faz questão que eu me pareça uma boneca gigante.*

— Quem parece boneca é a sua dona – Ravena suspirou – *Incrível como esse tipo de merda acontece o tempo inteiro. Por que você não foge?*

— *Eu fui programada. Simplesmente não posso fugir. Mas, por favor, sem blá-blá-blá existencialista. Já ouvi um milhão de vezes tudo isso. E nem por isso deixei de ser o brinquedo deprimido de uma burguesinha. Como eu gostaria arrumar um revólver e dar um tiro bem no meio da testa dessa vaca que não me respeita! Mas – os olhos da boneca Barbiend expressaram um pavor inominável – eu não posso! Eu... não... posso! De todas as drogas que eu experimentei nesse mundo, a minha dona é a pior de todas e dela nunca conseguirei me livrar.*

— Isso é o que eu chamo de dependência – Ravena comentou – mas... sei lá, de repente para mim o simples fato de alguém contar que está sofrendo não me diz nada.

Babí desamarrou o seu cinturão fashion. Ravena se admirou: ele na verdade era um cordão umbilical!

—*E só conectar esse cabo numa tomada que minha dona tem na coluna vertebral que ela sentirá minhas emoções. Mas é claro que há um software para amenizar meu sofrimento e transformá-lo numa baba sentimental para ela. Meu, é foda, não é? Se ela sentisse o que eu sinto realmente, provavelmente cortaria os pulsos. Mas não, Candy Candy de mim extrai o suficiente para ter uma pose fashion-deprê-cool nas baladas em que vai sem me convidar. Mas sem mim ela não nunca teria alterado o ar de shopping center do seu rosto.*

— Sem comentários... é o mesmo que passar de Edgar Allan Poe para uma novela mexicana...

— *A Candy Candy é a minha vampira íntima. Ela depende de mim. E eu odeio a dependência.*

Depois de um tempo Ravena comentou:

— E eu odeio o sofrimento. Bem, *eu* não sofro por ninguém. Acho o sofrimento estúpido, um elogio à vaidade sem propósito – ela falou de modo bem claro, frisando bem o que acabou de falar. E várias cruzeiras negras nasciam em suas folhas.

Uma névoa branca como o gelo seco de uma situação a ser esquecida tornou o brilho dos olhos da Babi mais estranho:

— *Todo mundo já sofreu algum dia. E você não é melhor que ninguém, Ravena.*

Ao longe, um cortejo fúnebre de uma vítima de overdose era uma nuvem de pontos pretos que choravam por entre o branco das lápides. Os olhos artificiais daquela boneca modelo Barbiend olharam para lá. Em seguida ela olhou significativamente, interrogativamente para Ravena – que parou de desenhar para responder a essa interrogação:

— Sofrimento é dependência, amiga.

— *Até que ponto essa sua certeza também não é sofrimento?*€

Silêncio. €

O Sol do meio-dia, escondido pelas nuvens.€

Irrealidade.€

O meio-dia.€

O silêncio.€

*"Todo mundo já sofreu algum dia. E você não é melhor que ninguém, Ravena".*

— Seus trabalhos são interessantes...

O entusiasmo com que Ravena mostrava seus desenhos das cruzes foi substituído por uma sensação de ter levado uma porrada em algum lugar. Na frente dela Jesus Crítico sorria.

— O que há?... Não, Jesus, tipo assim; não precisa me agradar. Eu sei que você é crítico de arte. Pode falar se existe algum problema com meus desenhos.

O sorriso dele ficou mais largo.

— Em primeiro lugar, meu amor, a perspectiva está totalmente errada. Você cometeu erros grosseiros com os pontos de fuga.

— Mas... eu não me interesso pela representação exata das coisas.

— O que aparece no seu trabalho não é a distorção artística dos objetos. É a imperícia de quem desconhece geometria básica.

— Ok. O que mais?

— Não force o lápis dessa maneira. Isso deixa uma aparência deselegante no papel. Por falar nisso, Ravena, você deve cuidar melhor de sua aparência. Alguém tão bonita como você não devia andar por aí com esse visual de desenho animado.

— Mas eu também não ligo para a aparência das coisas!...

— O enquadramento está péssimo. Você precisa treinar mais o seu olhar. Há uma desarmonia causada pelo excesso de concentração de elementos nos cantos da página.

— Eu acho que a gente percebe melhor o mundo com o canto dos olhos, mas isso é só uma concepção pessoal, é claro – Ravena tentou comentar de forma desapixonada mas havia uma clara amargura em

sua voz – mas o que você achou das minhas cruzes, afora tudo isso?

Após perguntar ela olhou de soslaio para a capa de conde Drácula de Jesus Crítico. O sorriso parecia ser eternamente conveniente no rosto dele.

— A cruz é um tema interessante...

Como ela continuasse olhando para ele como que a esperar por uma observação mais consistente, o crítico continuou:

— Esse tema remete ao passado em que havia uma super ligação entre arte e religião... renascimento, barroco... aliás, creio que você deveria dar uma espiada nos renascentistas, para estudar um pouco de perspectiva. Como eu disse, a cruz é um tema interessante mas que está muito desgastado porque todo mundo já fez alguma coisa parecida ligada a isso.

Uma perplexidade passou pelos olhos de Ravena:

—Mas... mas...

Por um instante ela esteve a ponto de dizer alguma coisa mas resolveu ficar com o bico fechado. Ou melhor, ficou com algo no canto da boca que não engoliu: “super ligação”...

— Enfim, isso é tudo. Agora, minha querida, eu preciso de você.€

Ravena adorava apelidos; achava-os mais sinceros e espontâneos que os nomes tradicionais:€

— Sim, Juju?... pode falar.€

— Já lhe pedi para não me chamar disso, Ravena....€

— Mas Juju é um apelido tão bonito.€

— Não digo que não seja. Mas, por favor, me chame de...€

— Mas você ia falar outra coisa, “Jesus Crítico”... – ela o cortou com a voz ríspida e sentida. €

— Bom, meu bem, na semana que vem vai abrir uma imensa exposição internacional de arte na galeria do meu amigo.

Ravena sinceramente se animou.

— É mesmo? Vai ser sobre o quê?

— Não sei se você se interessa...

Sem pensar Ravena lhe respondeu:

— Porra, fala primeiro e depois eu vejo se me interessa ou não!...

Quanto tempo ficaram calados?

— Mas que droga, Ravena. Não precisa ser estúpida desse jeito.

Ravena ficou sem saber onde enfiar a cara.

— Desculpe, Jesus...

— Será uma exposição de releituras artísticas da ficção científica clássica. Está na moda, sabe?

— Beleza.

— Você vai?

— Droga, que frio...

(Quem passasse no parque naquele instante veria um casal no banco da praça. Mas, apesar do rapaz estar com a cabeça no colo daquela menina, a cena estranhamente não inspirava romantismo; pelo contrário. Alguém que passou por perto estranhamente se lembrou da Pietà, de Michelângelo. E continuou andando, esquecido de si).

O lixeiro Hellman estava dentro do caminhão de navegação automática por satélite quando de longe viu uma figura caminhando pela rua. As ruas de noite eram perigosas; ele só conhecia uma pessoa que não ligava a mínima para isso; aproximou o caminhão do meio-fio e gritou:

— Olá, Rave! Beleza?€

A menina virou o rosto para ele. Rosto preocupado.€

— Rave... aconteceu alguma coisa? Quer uma carona?€

Ravena esteve a ponto de dizer: “não aconteceu nada, está tudo O.K.”:€

— Beleza, Hellman, aceito sim.€

O caminhão começou a se mover, barulhento. Apesar de tudo, a cabine era relativamente confortável e sem cheiro.

— Vou ser sincero, Rave. Sua aparência está um lixo.

— Puxa – ela sorriu amarga – se você diz isso, então dever ser verdade.

— Não se preocupe; não vou jogar você na caçamba do caminhão. O que andou acontecendo?

— Umas histórias, Hellman.

Ravena olhava o nada e via muita coisa.

— Sabe, Hellman, tenho um mau pressentimento sobre uma amiga. Pode me levar até a rua XYZ?

— Claro.

— Mas, tipo, não vai atrapalhar seu emprego?

Hellman olhou significativamente para ela:

— Ravena... foda-se meu emprego. Está bem assim? Quem se preocupa com essas coisas são os seres humanos.

— Que bom que você não é como certas pessoas que eu conheço...

Hellman notou uma ponta de desabafo nessa fala dela, mas resolveu ficar quieto.

— A propósito, Hellman, a minha amiga também não é humana.

— Sorte a dela. Os humanos são idiotas. Quero dizer...

Vendo que Ravena continuava abatida, ele procurou animá-la:

— Vou chegar lá tão depressa que você não terá tempo nem de dizer: lixo.

— Lixo – Ravena balbuciou.

O caminhão voava, o tempo voava e com ele algumas ocasiões que vinham como flashes e como tal iluminavam a alma de Ravena com sua palidez esclarecedora, absurdamente esclarecedora.

— Ei, Rave, o que rola com sua amiga?

— Ela me ligou desesperada. Parece que ela fodeu com uma pessoa.

— Ora, e o que isso tem demais?

— Não, não... – Ravena riu dele – ela não “fodeu” realmente... o lance é que minha amiga é uma dessas bonecas Barbiend, sabe?

— Sei. Uma vez uma dessas sacanas se apaixonou por mim e depois me deu um pé na bunda quando eu finalmente fiquei amarrado nela. Uma pena. Mas depois eu descobri que elas são, tipo, programadas ou algo assim, para sofrer. Como, aliás, todo mundo.

— Beleza. Você deve saber que elas têm uma programação blá-blá-blá porque as pessoas que são donas delas blá-blá-blá...

— Esse seu blá-blá-blá é o melhor... – Hellman comentou.

— Essas bonecas não podem causar danos físicos aos seus donos. Mas acontece que a minha amiga Barbiend queria a todo custo se vingar da patricinha da dona dela. Por isso tirou do seu corpo o software de filtragem de sentimentos, e quando a dona quis sugar um pouquinho básico de sofrimento...

Ravena fez uma pausa, sorrindo, imaginando a cena. Depois prosseguiu:

—... Do cordão umbilical fashion de Barbiend ela sugou uma carga emocional mil vezes pior do que o aconselhável para os putos da classe média.

— Sua amiga deve ser legal.

— Mas agora estou preocupada com ela.

Hellman pôs a mão no ombro de Ravena, tranquilizando-a.

— Relaxe, Rave.€

Ravena gostava quando Hellman lhe chamava assim. €

— Sabe, Hellman,eu gosto muito do apelido que você me deu. €

—Eu também tenho um apelido.€

—É? E qual é?€

— Chama-se “o lixeiro”.€

Ravena soltou uma gargalhada.€

Chegaram à casa onde morava Babí. O caminhão parou.€

— Ô de casa!€

Ninguém respondeu.€

— Ô de casa! – Ravena repetiu – parece que não tem ninguém, Hellman.€

— Tem sim.€

— Como pode ter certeza?€

— A vantagem de não ser humano é que de repente você pode enxergar infravermelho ou ultravioleta, como eu – ele disse esfregando os olhos – Há uma pessoa lá dentro.

— O que fazemos?

— Isso! – Hellman arrombou a porta com uma porrada. Eles entraram.€

Estava tudo escuro. €

Um quase inaudível sussurro tornava tudo ainda menos claro. €

— Onde ela está Hellman? Onde?€

— Lá em cima; acho que é o banheiro.

Foram até lá. Tudo continuava escuro.

— Droga, alguém desligou a chave geral da luz!

— Acho melhor assim, Ravena – Hellman falou perturbado de dentro do banheiro escuro – você não vai querer ver o que estou vendo na banheira dessa porra. Sossegue; não é a sua amiga sintética que está aqui, isso eu posso dar certeza.

— O que é, Hellman?! – o coração de Ravena batia com força; ela respirava escuridão.

— Fique aí. A banheira está cheia de sangue; nela há uma menina que acabou de se matar.

Ravena soltou um grito.

— Deve ter morrido enquanto a gente estava lá embaixo; o sangue ainda está quente, mas não podemos fazer mais nada.

— Tem certeza?

— Vamos sair daqui, Rave – preveniu Hellman.€

Saíram apressadamente da casa dos horrores. O caminhão de lixo se perdeu na noite. €

Ravena estava perplexa.€

— Temos que encontrar Babí imediatamente!€

— Escute, Rave, sua amiga não tem nada a ver com aquilo.€

— Como pode ter certeza, Hellman? O que você viu?€

— A menina da banheira cortou os pulsos... €

— Cortou os pulsos? Meu Deus, acho que era a dona da Babí... €

Mas felizmente nada demais havia acontecido com a amiga de Ravena. Depois de uma semana e meia Babí ligou novamente; estava vivendo pelas ruas do centro. A polícia estava em sua cola, já que, apesar de sua dona ter se matado, o exame da necrópsia descobriu que tinha recebido uma overdose de sofrimento através da tomada cibernética das costas. Se pusessem as mãos em Babí e descobrissem que tirou do corpo de propósito o software de filtragem de sofrimento, ela estaria fodida.

Se encontraram numa praça movimentada perto da Catedral, um lugar infestado de pombos e office boys.

— *Dá uma olhada nesses office boys* – Babí comentou – *nem parece que esses moleques carregam documentos importantes e coisas assim em implantes cerebrais nas suas cabeças ocas.*

— Não deixa de ser uma coisa prática – Ravena disse.

— *Isso se não causasse tumores malignos no cérebro desses moleques. A maioria morre antes dos dezoito anos; antes, portanto, que o patrão seja obrigado a dar os devidos direitos trabalhistas. Obrigada pela comida, Ravena.*

Pombos doentes comendo milho, moleques apressados batalhando um salário.

— Engraçado, eu não pensei que você tivesse realmente necessidade de comer. Na boa, pensei que, tipo, usasse umas pilhas e coisa e tal.

— *Eu obtenho energia dos alimentos da mesma forma que vocês. Isso significa que tenho que usar a privada também. Não imagina como os banheiros públicos daqui são imundos.*

Babí estava abatida. O rosto artificial exalava sofrimento.

— *Um bando de mendigos tentou me estuprar ontem de noite debaixo da ponte.*

— Mas o que rolou com a sua dona, Babí?

— *A Candy Candy? Eu falei o que fiz com ela. Mas ela não cortou os pulsos simplesmente porque não agüentou segurar a barra. Ultimamente já me acostumei a ver nos becos do Centro Velho os usuários suicidas de um tipo estranho de droga injetável. Depois do “pico” quanto mais ferimentos esses usuários provocam no corpo mais eles ficam alucinados. E Candy Candy descolou uma caixa dessa nova droga. Bem, e o resultado... você sabe... e o pior é que dificilmente a droga é detectada nos testes de necropsia. Para todos os efeitos eu fui a responsável pelo que aconteceu com ela.*

— E agora, Babí? Você não estava programada para ficar no pé dela?

— *Bem, com o suicídio de Candy Candy eu tecnicamente me libertei da mocréia. Sou livre agora... e pela primeira vez não sei o que fazer... sinto uma ironia idiota nisso tudo. Era para eu provocar sofrimento nela, e agora ela é quem está me fazendo sofrer.*

— Babí, venha morar na minha casa! Minha família é legal e vai compreender sua situação.

— *É melhor não, Ravena. A polícia logo descobrirá que você é minha amiga, e não quero que se envolva com a morte da Candy Candy. Mas como vai o seu namoro com aquele crítico de arte?*

— Assim, assim... – Ravena fez um gesto com a mão de “mais ou menos”.

— *O que ocorre?*

— Sabe, Babí... eu estou desconfiada...

— *De quê?*

— Estou desconfiada de que ele seja gay.

— *Por quê?*

— Sabe, Babí, já faz um tempo que a gente namora, e até agora nada. Eu cheguei a falar que um motelzinho seria legal de vez em quando, mas ele desconversou. E o pior é que ele nunca tira aquela maldita capa.

— *Ora, Ravena, existe tantas explicações para isso. Pode ser uma disfunção sexual, ou simples timidez. E se ele for mesmo gay, qual o problema? Ravena, eu sou um organismo não-humano... e daí?*

— Acho que tem razão, Babí... – ela disse sem estar nem um pouco convencida.

— *Escuta, Ravena, você disse que ele vai inaugurar uma exposição. Eu posso ir?*

— Claro, Babí!

Naquela terça-feira a galeria estava com um volume de visitantes anormal.

— *Veja só quantos visitantes anormais!* – disse Babí, olhando os nerds e os bichos-grilo ao redor, que sempre aparecem na exposições para fazer uma pressão – *ei, adorei o amarelo da sua camisa, Ravena. Espere um pouco;ela não é igualzinha a do Charlie Brown?*

No meio da multidão Ravena tentava localizar Jesus Crítico. Ela estava um tanto apreensiva pela agitação.

— Onde será que o meu namorado se meteu?

— *Não esquenta, Ravena.Ele vai aparecer mais cedo ou mais tarde. Enquanto isso vamos curtir a exposição.*

A exposição temática era gigantesca, com múltiplos eventos simultâneos. Workshops, palestras, desfiles de moda, artistas circulando diante de suas esculturas, quadros, instalações. Tudo girando em torno do tema comum: o olhar sobre o futuro que já passou. Usando, muitas vezes, um olhar que também é velho (Ravena sentia isso ao ficar na frente dos trabalhos).

Estava tudo lá, nessas releituras, desde olhares sobre o livro *Somnium*, do cientista descobridor das órbitas elípticas Johannes Kepler, até a indústria milionária de Hollywood. A estética dos extraterrestres ao longo dos séculos e as teorias das conspirações, os cultos e os fã-clubes de séries populares. A fascinação da humanidade pelo tempo que ainda não veio. Os medos. As esperanças.O imaginário popular, a mitologia. As explicações. As diferentes concepções de futuro, refletindo as diferentes épocas.

Ravena olhava e olhava:

— Acho que foi Paul Klee que disse que a função da arte não é copiar o visível, mas tornar visível o que está além – ela comentou vendo uma escultura estilo Pop Art em tecido orgânico vivo da família *Jetson* – acho que essa é a semelhança entre arte e ficção científica.

Babí ficou vendo uma réplica em tamanho real do robô de *Perdidos no Espaço*:

— *Eu me sinto meio esquisita aqui. Um organismo artificial como eu em meio a uma exposição de ficção científica... é como se eu me masturbasse diante de um espelho velho .*

Ravena riu:

— Gostei da comparação, Babí.

— *Por falar nisso, “ficção científica” é uma expressão idiota.*

— Você acha?

— *Ficção científica me lembra desses nerds que ficam “jogando joguinho” o dia inteiro e que acham que as meninas devam ter peitões e se vestir como as piranhas dos games de luta. Não sei, eu não gosto de ficção científica por causa dessa impressão.*

Ravena riu.

— Sabe, Babí, um dia você precisa escrever um romance chamado “A ‘roboa’ que não gosta de ficção científica”.

— *Ei, Ravena, acho que o seu homem está ali. Finalmente vou conhecê-lo; espero que ele seja legal como você.*

Ravena sentiu um certo desconforto ao ouvir isso.

Babí apontou um anfiteatro onde estava acontecendo uma palestra. Na entrada uma faixa indicava o que se tratava: “AS REGRAS DA FICÇÃO CIENTÍFICA –ARTE & VAMPIRISMO – PELO PROFESSOR E CRÍTICO DE ARTE JESUS”. Ravena olhou a associação de arte e vampirismo; algo em seu coração detestou esse título (ela se lembrou da bronca que Babí tinha dos vampiros). Elas entraram e com dificuldade encontraram dois lugares vagos; o lugar estava cheio. Na banca fazia tempo que Jesus Crítico palestrava:

“... e a arte não seria isso: um vampirismo? E a ficção científica também não seria isso: vampirizar o tempo?”

“O vampiro é uma criatura divina porque ambiciona ao eterno – e se faz eterno! Para ele não existe os três tempos pois tudo é um eterno Presente – já que nunca irá morrer”.

“E com isso, paradoxalmente, consegue ser o mais humano dos seres porque realiza esse antigo sonho humano de nunca morrer”.

“Mas os seres humanos conseguem se imortalizar em sua arte. Os vampiros são artistas”.

“Por isso regras são *fundamentais* na acepção da palavra, pois elas são os *fundamentos* do eterno – o sangue do vampiro”.

“As obras feitas apaixonadamente, ao calor do momento, sem qualquer regra ou método, conseguem apenas imortalizar um momento. Comparativamente seriam um único *frame* de um filme. O método desapaixonado seria o filme completo e em movimento”.

“A comparação com filmes foi intencional, pois agora vou discorrer sobre a ficção científica. As maiores bilheterias da humanidade de todos os tempos foram filmes de ficção científica, ou que abordavam temas recorrentes da ficção científica. Ainda hoje geram fortunas pela midiosfera. Nessa altura, já devem ter imaginado que esses filmes são como galáxias vampiras eternas, sempre se alimentando da atenção dos fãs pelas décadas. E como conseguem isso, eu pergunto a vocês? Porque seguem *regras*! E regras são o fundamento do eterno. Vampiros seguem regras”.

“Uma boa ficção científica deve ter uma idéia central, da mesma forma que uma galáxia deve possuir um buraco negro em seu centro. Essa é uma boa comparação, pois tanto uma boa idéia quanto um buraco negro sugam coisas; boas idéias sugam atenção e os buracos-negros sugam matéria, assim como os vampiros sugam o sangue dos inocentes”.

“Já disse antes que a ‘inspiração’ não existe, portanto uma boa idéia deve ser cuidadosamente construída, seguindo os métodos e regras existentes. Evitem, evitem, evitem a todo custo serem autodidatas! Isso é suicídio! Sigam exemplos de sucesso pois eles possuem regras de sucesso. Em primeiro lugar, numa ficção científica deve haver a luta de Bem contra o Mal – vejam o exemplo de Guerras nas Estrelas. No fim é claro que o Bem deve vencer, mas o Mal precisa ser mostrado de uma maneira cult para que no futuro gere bons dividendos de merchandising. O melhor exemplo disso é Dart Vader”.

“Naves são fundamentais. Quanto mais naves, mais ficção científica”.

“Colocar estruturas psicológicas que consigam a identificação, a empatia do público alvo, também é aconselhável. Mas esse tipo de recurso deve ser profundamente estudado não para promover o debate e a reflexão, não, longe disso. A psicologia deve ser um instrumento de sedução das multidões. Aliás, a sedução é própria do vampiro. O exemplo clássico é a síndrome de Patinho Feio e complexo de Édipo de filmes como “E.T.” e “Inteligência Artificial”. Por sinal o E.T. conseguiu vencer *Blade Runner* no Oscar de Efeitos Especiais, muito embora *Blade Runner* tenha uma fotografia muito mais apurada. E por quê? Pela sedução que E.T. causou nas multidões”.

“*Blade Runner* é o exemplo de filme que deve ser evitado a qualquer custo, ele é a antítese do que acabei de ensinar. Em primeiro lugar, não há a luta de Bem contra o Mal. É um filme adulto – não por possuir violência excessiva, o que seria desejável como “propaganda indireta” para atrair crianças, pois crianças adoram violência – ele é adulto por se propor a uma discussão metafísica, o que é altamente censurável a futuros candidatos de altas bilheterias. Isso é muito arriscado, e o sucesso de *Blade Runner* só veio anos depois da crítica e o público ter torcido o nariz. Ora, aqui eu faço a seguinte ponderação: de que valeu ao pintor Van Gogh o fato dos seus quadros terem se valorizado numa progressão quase geométrica anos depois do seu suicídio na obscuridade? A mesma coisa se aplica a *Blade Runner*. Para todos nós, alguns anos depois para o reconhecimento de algo que fazemos hoje pode ser tarde demais. ‘Carpe diem’, como

diziam os romanos; aproveitem o dia, e não faça planos para o amanhã porque o futuro não existe. Aproveitem o dia – e é isso que os vampiros fazem, ainda que eles na verdade aproveitem mais a noite. Gostaria agora de me colocar a disposição de perguntas. Alguém tem alguma pergunta?”

Uma voz saiu do fundo do anfiteatro:

— *Ei, seu idiota, de onde você tirou tanta baboseira?*

Ouviu-se um “oohhhhh” de estupefação.

A palestra estava sendo transmitida on-line para a emissora universitária do canal a cabo. A câmera enfocou a menina de cinturão fashion e brilhante que tinha se levantado. Jesus Crítico tirou os óculos e perguntou com seus olhos míopes:

— Perdão?...

— *Eu perguntei: “eeiii, seu idiooota, de onde vocêêê tirou taaanta baboseira?”...*

— Dêem um microfone para ela. Já? Bom. Então, menina, você acha que um conhecimento acadêmico reconhecido internacionalmente é baboseira? Vamos, explique o seu ponto de vista.

— *Em primeiro lugar, imbecil, vampirismo é a coisa mais imbecil do universo.*

— Como é que é? Vamos, comecemos então: diga o que pensa da idéia do Vampiro.

— *O Vampiro é um covarde que tem medo de morrer apesar de não ter coragem de viver. O nome para isso é morto-vivo. E ele não tem nada de divino, pois Deus não vive na dependência do sangue dos outros. Cara, dependência é um saco! Uma pessoa já dependeu de mim para sentir o mundo, e foi uma coisa muito traumática! Ela acabou se matando!*

— Lamento o que aconteceu a essa pessoa, mas você precisa se conscientizarque é se quer participar de um debate de alto nível é necessário enxergar o mundo imparcialmente e para isso você precisa total isenção na sua visão, o que significa abandonar a larga estrada da parcialidade ignóbil proporcionada pela

opinião apaixonada e o ânimo exaltado.

— *Pior que a parcialidade ignóbil das pessoas sinceras, caro professor, é a parcialidade disfarçada dos críticos. Nada pior do que usar um diploma acadêmico para legitimar uma opinião absurda. Você tem uma fixação pelo vampirismo e a sua capa não me deixa mentir. E quer que o mundo se amolde ao seu gosto pessoal, mas as coisas não são assim, cara! É você que tem de se adaptar ao mundo!! Se quer minha opinião, você está agindo como Maquiavel e glorificando o comportamento mais censurável do ser humano! Vampiros e regras e dependência e mortos-vivos são uma coisa só: o fim do mundo!!*

— Muito embora as opiniões apaixonadas sejam próprias do fervor da juventude, peço mais uma vez que você se contenha. Afinal, não é porque é uma menina tão atraente que não possa ter um rigor acadêmico em seu ponto de vista. Mas tudo bem, menina; eu sei entender outro ser humano.

— *Acontece que eu sou um organismo sintético, seu babaca! Sou uma andróide! Isso mostra bem o equívoco que há em sua alma!*

A platéia ficou estarecida com a constatação. Um mal-estar pesado envolvia a todos, mas especialmente Jesus Crítico. Ele procurou contornar a situação.

— Vejo que você é uma espécie de andróide; não sei se você tem a isenção necessária para dar uma opinião aqui. Se não se importa, peço que se retire para darmos prosseguimento aos trabalhos.

— *Você é um farsante!*

Jesus perdeu a paciência e bateu com o punho na mesa daquela última anti-ceia santa.

— E você? Quem é você? Quem você pensa que é? Eu tenho um renome internacional, enquanto que existem toneladas de seres iguais a você em qualquer buraco desse planeta! Seguranças, levem esse robô embora!

— *Não precisa se crucificar a toa, Jesus Crítico! Vejo que se martiriza não apenas pela minha opinião ser diferente da sua, mas porque minha existência já é um golpe à vaidade que exala de sua opinião de crítico!*

Os seguranças tiveram enorme dificuldade para dominar Babí, pois alguém lá do fundo tentava ajudá-la a escapar. E o vermelho que estava injetado nos olhos míopes de Jesus (“a vaidade que exala de sua opinião de crítico”) o impediu de reconhecer nesse “alguém” a sua namorada Ravena.

Logo os seguranças tinham levado as duas.

Fez-se silêncio. Jesus Crítico sacudiu a cabeça lenta e negativamente:

— Uma andróide numa palestra de ficção científica...

(a platéia riu).

— E vejam o “bom gosto” da amiga dela.

(a platéia continuou rindo).

— É por isso que numa boa ficção científica deve haver boas naves, se é que me entendem...

(a platéia soltou uma enorme gargalhada. Mas ninguém entendeu o que o crítico quis dizer).

Mas as coisas foram muito piores do que pareciam: os seguranças levaram Babí para a polícia, que logo a identificou como sendo a boneca high-tech fugitiva da suicida Candy Candy. Num julgamento rápido (nenhum juiz em sã consciência faria muita coisa por um organismo sintético) Babí foi condenada a 29 anos de prisão.

Ravena foi solta e implorou que Jesus Crítico usasse a sua influência para soltar Babí. Ele sorriu:

— Está louca, Ravena? Isso poderia interferir negativamente na minha carreira.

— Agora vejo bem *o que você é* – Ravena disse apertando os olhos – faz um favorzinho para mim? Por que não vai se foder, imbecil?

Ela deu uma porrada na cara dele e saiu. Ele arregalou os olhos desesperados:

— Não! Espere, Ravena! Eu preciso de você! Não, não me deixe! Desculpe por tudo, mas não vá embora! Olhe, olhe, eu faço o que me pediu. Eu não sei viver sem você! Eu... dependendo do seu afeto.

Ravena parou e olhou para trás.

— Vai fazer o que eu pedi?

— Sim.

— Promete?

— Sim, eu prometo! – ele disse com as mãos juntas numa súplica– eu faço tudo o que você me pedir.

— Então eu quero mais duas coisas: primeira; *não dependa de mim*.

— Mas eu amo você...

— Escute, Jesus Crítico – Ravena falou impaciente – blá blá blá, amor é uma coisa; blá blá blá dependência é outra. E blá blá blá: convenhamos que dependência é foda.

Ele ficou em silêncio.

— E eu quero que me diga de uma vez por todas: você é gay?

— Eu não!

— Merda; o que quer dizer com “eu não”?! “Eu não” sou gay ou “eu não” quero responder?

— Eu não sou gay!

— Ótimo! – Ravena disse num tom sádico – então você não vai se opor se irmos imediatamente para um motel!

— É que eu não tenho dinheiro hoje, sabe...

— *Eu* tenho! Vamos!

Jesus Crítico abaixou a cabeça. Não tinha mais argumentos para não ir.

Tempos atrás Ravena teria ido com ele a um motel por tesão. Agora estava indo por curiosidade mórbida. O que aquele cara estava escondendo?

Chegaram. O típico cheiro de carpete estava em todo lugar. Jesus Crítico estava cada vez mais nervoso. Ravena tirou a camisa. Ela foi até ele e o beijou. Jesus fechou os olhos. Ravena manteve os seus bem abertos; queria ver o que iria acontecer.

— Pode abrir o fecho do meu sutiã? – a sua voz mantinha curiosidade de seus olhos.

— Oh, é claro – as mãos de Jesus estavam tremendo.

— Posso tirar sua capa?

— Pode... pode apagar a luz?

— Não, Jesus. Eu faço *questão* de ver o seu corpo antes de transarmos.

O nervosismo de Jesus Crítico se transformou em profundo ódio:

— Você quer me ver? Você quer me ver, sua piranha? É isso, não é?

Ele deu um chute numa cadeira. Ravena recuou, assustada.

— Pois então me veja! Veja o que me dá prazer!

Jesus tirou sua capa. Ravena gritou de medo. E fugiu.

Chovia muito. Uma menina seminua corria chorando pelas calçadas, os passos salpicando as poças d'água poluídas de fuligem e noite.

(Numa cela bem distante dali, Babí contemplava a chuva, se lembrando da última fala do andróide nexus-6 de Blade Runner. Era algo mais ou menos assim: “Eu vi muitas coisas. Mas tudo isso sumirá como lágrimas em meio à chuva”. Ela tirou o cordão umbilical cibernético, fez uma forca, amarrou no alto da grade e colocou a forca no pescoço. Apesar de seu corpo realizar um metabolismo semelhante ao humano, demorou cerca de uma hora para sua existência sumir como as gotas de chuva em meio à noite).

A menina correu até se cansar. Então tropeçou e caiu num monte de sacos de lixo, e ficou estendida sobre eles chorando, a calça completamente encharcada e os seios nus recebendo a água da chuva. Aos poucos uma dor aguda veio de um dos seus pés descalços; tinha pisado num caco de vidro e o sangue escorria para a sarjeta. Isso a fez lembrar com intensidade redobrada do que tinha visto... fechou os olhos e pediu silenciosamente a Deus algum alento.

Um caminhão de lixo parou ao seu lado:

— Ei, Rave, é você?!

— Obrigado, Deus... – balbuciou quando ouviu a voz de Hellman.€

O lixeiro saltou rapidamente caminhão, levantou Ravena do meio do lixo e a conduziu para a cabine. €

Depois ele tirou a jaqueta de lixeiro e a cobriu.€

— Obrigada, Hellman – ela disse tremendo de frio como um filhote de pardal molhado.€

— Rave, o que é que tá pegando? Você foi assaltada?€

— Eu explico depois. Agora venha cá – Ravena puxou a cabeça de Hellman e o beijou. Hellman encostou o caminhão e desligou o motor.

Os dois fizeram o melhor sexo da vida deles.

No espelho do seu apartamento Jesus Crítico se viu.€

O corpo nu era coberto de frases. €

Frases escritas com uma lâmina de barbear.€

Frases profundamente encravadas em sua pele.€

Frases que também estavam profundamente encravadas em seu ser.€

Ele tirou uma seringa de uma maleta debaixo de sua cama:€

— “A vaidade que exala de sua opinião de crítico”. Humpf!

Ele localizou a veia em seu braço, após amarrá-lo com uma borracha.

— “Opinião”... Humpf!€

A agulha entrou suavementeem sua carne.€

— “Vaidade”... Hum!

Ele foi até o banheiro e tirou uma lâmina de barbear. Olhou para o seu corpo coberto de frases-cicatrices. Já não havia espaço para mais nada.

— Tem um espacinho na minha barriga... é para lá que você vai, belezinha...

Com a lâmina de barbear Jesus começou a escrever na barriga, com imenso prazer, a frase “*a vaidade que exala de sua opinião de crítico*”.

Após “o pico” alguns usuários faziam desenhos com canivetes na pele; outros simplesmente se cortavam aleatoriamente. Mas Jesus Crítico era metódico; ele escrevia frases em seu corpo.

Algumas frases eram o que ele sempre quis dizer mas não tinha coragem; outras eram aquilo que outras pessoas pensavam sinceramente a respeito dele.

O sangue da nova mutilação escorria sobre as cicatrizes do seu corpo.

Ele fechou os olhos pela vertigem; tentou caminhar mas escorregou na poça de sangue.

As frases.

Frases colecionadas ao longo da via-crucis.

Eu irei redimí-los.

Eles não sabem o que dizem.

O calor de Hellman tornou possível para Ravena suportar o que tinha ocorrido a sua amiga Babí.

Mas numa noite o frio pareceu voltar:

— Eu lhe suplico, Ravena, eu preciso de você! Por favor, você prometeu que não me abandonaria! Por favor, não me abandone! Eu preciso de você! Sem você minha vida não tem sentido! Eu não sei viver sem você!

— Ei, cara, qual é a sua? – Hellman disse olhando firmemente para o ex-namorado de Ravena.

— Não estou falando com você, seu gorila transgênico.

— Sai daqui, Jesus, e deixa a gente em paz! – Ravena disse.

— Tem coragem de trocar uma pessoa importante como eu por um lixeiro?

— Talvez ela goste de mim porque eu sou mais homem do que você, babaca.

— Você sequer é um ser humano, seu ignorante!

— Ainda assim, babaca, sou muito mais homem que você – e Hellman deu um pequeno empurrão em Jesus Crítico, que caiu para trás.

Jesus Crítico tirou uma pistola e deu cinco tiros na cabeça de Hellman. Depois deu um tiro em Ravena. O casal caiu na calçada.

— Não quer meu calor, não é, sua vaca? – Jesus Crítico disse sem fôlego. Foi até o seu BMW e tirou um galão de combustível do banco traseiro. Ravena se contorcia, tonta, enquanto que Hellman estava rígido no chão. Sem compreender o que acontecia e com a visão embaçada, ela viu Jesus Crítico encharcar o corpo de Hellman de gasolina e depois atear fogo.

— Olhe bem, sua puta, porque depois vai ser sua vez.€

A lágrima que saiu do olho de Ravena refletiu seu namorado em chamas.€

Com o galão nas mãos, Jesus Crítico se aproximou dela.€

— Aposto que não quer o calor dele agora, não é, vadia?€

Ravena fechou os olhos e não viu Hellman se erguer em chamas, abraçar fortemente Jesus Crítico e se €

jogar com ele atrás do carro.

As chamas de Hellman queimaram Jesus Crítico lentamente. Mas o galão de gasolina que ficou preso entre os corpos dos dois explodiu – e então ele queimou muito mais rápido.

Na clínica de recuperação Ravena passou dias sem falar com ninguém. Várias vezes teve de ser sedada.

O seu olhar parado.

As horas passavam.

Um dia pediu aos seus familiares que lhe trouxessem o seu cavalete, suas tintas e uma tela.

O olhar parado olhando a tela.

Vários minutos segurando o pincel.

O pincel e as tintas eram uma técnica. Método; seguir regras; Jesus Crítico. Jogou o pincel fora.

O olhar continuou parado na tela. Tempo indefinido.

Fechou os olhos e sentiu.

Olhos fechados, sentindo.

Sentindo, sentindo.

De olhos fechados sentiu suas mãos se molharem.

Sentiu que era a *sua* tinta.

De olhos fechados sentiu que passava as mãos na tela; sentiu a aspereza da tela ser preenchida pelo molhado de suas mãos.

Foi se sentindo bem.

Tempo indeterminado.

Abriu os olhos e viu o que tinha feito na tela.

A boca também se abriu, incrédula.

Os olhos viram arte em sua plenitude. Sublime e inexplicável.

Como era inexplicável o sangue que tinha escorrido dos seus pulsos.

Não havia nenhum corte! Como aquilo era possível?

Mas uma voz saiu bem das profundezas do seu íntimo e lhe sussurrou: este é o *seu* segredo, Ravena. Só seu. Não o conte para ninguém.

Ravena pegou o pincel, escolheu as tintas que mais gostava e pintou algo sobre o quadro para esconder seu segredo do mundo.

Dias depois ela voltou para casa com o quadro debaixo do braço.

— Que bom que está aqui, Ravena – o seu pai a beijou.

— Ravena, saiba que todos nós a amamos – disse sua mãe.

— Gostei do seu quadro, Ravena – disse a sua vó – eu sei quem são esses. É o Charlie Brown e o Snoopy, não é?

**FIM**

***15/01/02***